

PROJETO RECRIAR-SE

Ana Luisa de Oliveira PIRES

Instituto Politécnico de Setúbal

ana.luisa.pires@ese.ips.pt

Gina C. Pereira de LEMOS

CICS.NOVA

gina.lemos@ese.ips.pt

António Ângelo VASCONCELOS

CIEd-IE-UM, CIPEM-INET-md

antonio.vasconcelos@ese.ips.pt

Resumo: Esta comunicação tem como finalidade apresentar resultados preliminares de um trabalho de investigação focado no projeto *Recriar-se* — um projeto de intervenção/formação com pessoas em situação de exclusão social (sem-abrigo), desenvolvido pela Cáritas Diocesana de Setúbal. Mais concretamente, propomos partilhar algumas das reflexões emergentes do estudo, particularmente articuladas com a identificação de um conjunto de eixos de mudança e de desenvolvimento dos participantes do projeto *Recriar-se*.

Este projeto, que assenta em três dimensões estruturantes — educação não-formal, práticas artísticas e inclusão social—, procura proporcionar situações de desenvolvimento pessoal e coletivo dos seus participantes, que conduzam à mudança e à transformação individual, social e comunitária.

Do ponto de vista da investigação, procura-se compreender qual é o contributo do *Recriar-se* na reconstrução identitária e de vida de pessoas em situação de sem-abrigo, marcada pela vulnerabilidade psíquica e social, a fim de identificar processos e dinâmicas decorrentes das práticas de educação não-formal e artísticas.

Do ponto de vista teórico, diversos estudos da Organização Mundial de Saúde têm vindo a evidenciar o papel das atividades artísticas na melhoria da saúde e do bem-estar das pessoas ao longo da vida, contribuindo para o desenvolvimento individual e coletivo, para a melhoria da coesão social, minorando as desigualdades sociais e a exclusão social. Dos quadros teóricos da educação/formação de adultos, defende-se que a mudança se produz a partir da pessoa, entendida como o *sujeito* da transformação, no sentido da *humanização*, e não como *objecto* da transformação, presente nas intervenções de carácter assistencialista. Na mesma linha de pensamento, as reflexões que decorrem de projetos artísticos comunitários mostram que o processo da arte comunitária empodera, não com o significado de “dar poder a alguém”, mas sim a partir do desenvolvimento das competências, confiança, conhecimento e redes da própria pessoa.

Do ponto de vista metodológico, o estudo realizado enquadra-se num estudo de caso, tendo sido desenvolvido a partir da análise de dados recolhidos através de análise documental, observação directa e entrevistas exploratórias realizadas com os participantes, artistas e técnicos do projeto.

Nota: A inscrição na AFIRSE 2023 foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA.

Palavras-chave: Educação não-formal, Práticas Artísticas, Inclusão Social, Estudo de Caso, Projeto *Recriar-se*.

INTRODUÇÃO

O projeto de investigação em curso, “Investigar e Avaliar o projeto *Recriar-se*”, tem como finalidade a produção de conhecimento sobre a relação entre as formas de arte, a inclusão social e o bem-estar, em contextos de educação não-formal. O estudo tem como objeto empírico o projeto artístico e social “Recriar-se”, iniciado em 2015 e desenvolvido no Centro Social de S. Francisco Xavier (CSSFX), da Cáritas Diocesana de Setúbal. É um projeto de capacitação singular, envolvendo a música, a fotografia e as artes visuais, em que, através de processos colaborativos, se procura reconstruir percursos de vida criando condições para o empoderamento e inclusão dos participantes, homens e mulheres em situações de sem abrigo. O objetivo principal do *Recriar-se* é construir, através das artes, um caminho facilitador da melhoria da qualidade de vida e bem-estar das pessoas

em situação de sem abrigo e/ou com diferentes tipos de adições, promovendo a aquisição e desenvolvimento de recursos que permitam que cada participante possa reencontrar equilíbrios facilitadores de reintegração social. Para tal, e através de um trabalho participativo, no qual todos e todas são criadores e construtores, pretende-se impulsionar competências no plano artístico e no plano da intervenção psicossocial, ampliando competências pessoais e sociais (e.g. autonomia, cumprimento de horários, aquisição de normas, regras e papéis, desenvolvimento do espírito de grupo e equipa).

O trabalho artístico organiza-se em torno de sessões semanais de música, fotografia e artes plásticas. No caso da música, acrescem as sessões de um grupo musical denominado “Garum”. Os participantes escolhem os ateliers em que pretendem participar, podendo frequentar um, dois ou três. Regularmente são realizadas apresentações públicas em diversos espaços e eventos, assim como exposições de fotografia e de artes plástica. Já foi gravado um CD com a interpretação de diferentes tipos de músicas escolhidas pelos participantes.

Neste artigo procuramos identificar os principais eixos de mudança e de desenvolvimento dos participantes do *Recriar-se*, partindo da sua caracterização demográfica e psicossocial e da perspectiva dos artistas e dos técnicos envolvidos. Do ponto de vista teórico-conceptual, mobilizamos um corpo de conhecimentos que emerge do cruzamento de diferentes perspetivas teóricas e disciplinares, identificando linhas de compreensibilidade do fenómeno em estudo. Assim, procurámos integrar contributos da educação ao longo da vida e da formação de adultos (Freire, 1979, 2017; Gohn, 2016; Pires, 2015), das práticas artísticas comunitárias (Matarasso, 1997, 2019, 2021) e da inclusão social (Bernardo, 2019; Fancourt, 2019; Fancourt et al, 2020).

Tendo como finalidade a compreensão dos processos e dinâmicas que se encontram subjacentes à mudança pessoal e social dos participantes do *Recriar-se*, destacamos os princípios da educação não-formal, que, a partir de programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, da educação e da cultura (Gonh, 2016), contribuem/potencializam essa mudança. Segundo Gonh (2016), a educação não formal é um processo de aprendizagem, que ocorre pelo diálogo tematizado e pela participação colectiva, proporcionando vivências e experiências, a partir da cultura dos indivíduos e dos grupos. Para a autora, a educação não formal permite a problematização da vida quotidiana, identificando temas, necessidades, carências, desafios, que fazem emergir conteúdos que não são dados a priori, mas que se constroem durante o próprio processo. Tem um espaço e finalidades próprias, que sendo abertas, desenvolvem a autonomia, a formação da cidadania e da cultura cidadã, a emancipação, a humanização.

Tal como Matarasso constata (2019, p.11), “o potencial da arte no desenvolvimento humano tem vindo a ser canalizado para o apoio ao crescimento de indivíduos e de grupos comunitários e para a promoção da inclusão social.” A problemática da população em situação de “sem-abrigo” tem vindo a ser entendida como um fenómeno complexo e multidimensional, que exige uma abordagem holística, e na qual se identifica a existência de fatores individuais e estruturais (Bernardo, 2019), levando à necessidade do desenvolvimento de estratégias globais e simultaneamente locais, numa perspetiva integradora. Por outro lado, a investigação no campo das ciências da saúde tem evidenciado o papel das atividades artísticas na melhoria da saúde e do bem-estar das pessoas ao longo da vida: contributos para o desenvolvimento individual e coletivo, para a melhoria da coesão social, minoração das desigualdades sociais e da exclusão social (Fancourt, 2019; Fancourt et al, 2020).

Na mesma linha, Matarazzo (2021) defende que é o processo da arte comunitária que empodera, não com o significado de “dar poder a alguém”, mas a partir do desenvolvimento das competências, confiança, conhecimento e redes da própria pessoa. Segundo Matarazzo (1997, 2019), os projetos artísticos podem contribuir para a inclusão social e para potenciar a autoconfiança e o bem-estar dos participantes, facilitando o combate a estereótipos e à discriminação, nomeadamente nos campos da saúde mental, toxicod dependência, violência doméstica ou quebra de laços familiares, que se têm vindo a constituir como desafios sociais complexos.

A mudança é construída a partir da pessoa, entendida como o *sujeito* da transformação, no sentido da *humanização*, e não como o *objeto* da transformação, frequentemente presente em intervenções de carácter assistencialista (Freire, 1979). A pedagogia da autonomia centra-se no respeito, na liberdade, na responsabilidade. Os processos de formação de adultos são dinâmicos, inacabados, não-lineares, tal como nos diz Freire (2017, p.141): “Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se de recuar, de transgredir.”

METODOLOGIA

Considerando que uma das principais premissas do *Recriar-se* é “o fazer com” e não “o fazer para”, e que o envolvimento dos participantes em todas as etapas do seu desenvolvimento constitui uma das suas características fundamentais, entendemos essencial “dar voz” aos seus participantes — sujeitos, técnicos e artistas envolvidos —, assumindo-se a metodologia do estudo como qualitativa e interpretativa (Amado, 2014; Bogdan & Biklen, 1994), centrada no ponto de vista dos actores. Procurou-se desenvolver uma investigação colaborativa, utilizando-se o contexto da investigação como apoio à construção de uma “comunidade de mudança” (Amado, 2014).

No estudo, foram utilizados os seguintes procedimentos de recolha de informação: reuniões e conversas informais com a equipa de técnicos do *Recriar-se* (diretora técnica, técnicos superiores e outros atores relevantes, ...); pesquisa e análise documental de documentos relativos ao *Recriar-se*, tais como: documentos oficiais, diários/registos produzidos no âmbito do projeto, documentação da comunicação social em diversos tipos de suporte (notícias, reportagens, vídeos dos concertos, etc.); registos dos participantes, fichas individuais elaboradas pela Cáritas Diocesana, (...); observação (participante) de sessões/atividades desenvolvidas com os participantes, no âmbito dos workshops do projeto; observação (não participante) dos eventos realizados na comunidade (concertos, exposições,...), no âmbito do projeto *Recriar-se*; entrevistas, de natureza semi-estruturada, aos técnicos e artistas envolvidos; entrevistas (*focus group*) aos participantes do *Recriar-se*.

Tendo em conta a natureza do projeto e as características dos participantes, as questões éticas assumem uma relevância particular. Por um lado, todas as estratégias de investigação qualitativa possuem uma “*praxis ética*” comum, suportada em relações baseadas na sinceridade, verdade e confiança (Amado, 2014). Por outro lado, são asseguradas a confidencialidade e privacidade dos participantes, através da atribuição de um código, salvaguardando as suas informações pessoais.

Fases do estudo

Nesta fase inicial procedeu-se à identificação e caracterização dos participantes do estudo, com base em informação recolhida junto da instituição (registos e fichas individuais). A informação foi tratada de forma a caracterizar os participantes do ponto de vista demográfico, situação pessoal (e.g., física, psicológica, social), bem como de outras dimensões relevantes para o estudo (e.g., ateliers/workshops que frequentam). Por razões de natureza ética, garantiu-se o respeito pelo anonimato dos participantes, tendo a informação sido organizada sem referências à sua identificação pessoal. Nesta fase realizaram-se observações das sessões (ateliers/workshops), tendo os investigadores adotado a postura de *observador-participante*, de carácter global e sem grelhas previamente construídas. Numa segunda fase, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas aos artistas, técnicos e participantes. Todos consentiram a gravação das entrevistas, que foram posteriormente transcritas para sua análise. As entrevistas aos artistas e técnicos permitiram a recolha de dados suscetíveis de contribuir para uma melhor compreensão dos eixos de mudança e de desenvolvimento dos participantes. Já a qualidade dos dados recolhidos no *focus group* realizado com os participantes foi francamente comprometida pela sua restrição discursiva e disponibilidade/abertura à partilha. A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de uma grelha qualitativa, construída à posteriori, a partir de categorias que emergiram do próprio *corpus*.

Caraterização dos participantes do estudo

Os participantes dos ateliers

A descrição que ora se apresenta assenta nos dados recolhidos à data de setembro de 2021. Desenvolvem atividade no projeto *Recriar-se* 30 participantes, com idades compreendidas entre os 25 e os 74 anos, cuja média é de aproximadamente 50 anos ($M= 49.93$; $DP= 12.51$). A distribuição por escalão etário é a seguinte: 25-44 anos, 30%; 45-54 anos, 23%; 55-64 anos, 43%; e +65 anos, 3%. Existe uma evidente assimetria quanto ao sexo dos participantes, sendo o grupo composto maioritariamente por homens (73%). Os participantes são de nacionalidade portuguesa, exceção feita para um caso, de nacionalidade cabo-verdiana. A respeito da escolaridade, para um terço dos participantes ela é desconhecida, 3% não tem qualquer escolaridade, 17% completou o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), 30% o 2.º CEB, 3% tem o 3.º CEB, 10% completou o Ensino Secundário e 3% o Ensino Superior (*vide* Tabela 1):

Nível de escolaridade	%
desconhecida	33
analfabeto/a	3
1.º CEB	17
2.º CEB	30
3.º CEB	3
E. Secundário	10
E. Superior	3

Tabela 1: Nível de escolaridade dos participantes

Quanto à situação de residência, na condição “sem teto” (vivendo no espaço público, alojado em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário) estão sensivelmente um quarto dos participantes (27%) e a grande maioria (73%) encontra-se em condição “sem casa” (i.e., alojamento temporário). Destes “sem casa”, estão em Camarata residencial 41% e aproximadamente um terço está ou numa casa atribuída pela Segurança Social, ou numa casa de um familiar ou pessoa amiga.

No que concerne à avaliação diagnóstica, regista-se: 60% com condições no campo da Saúde Mental, 43% em situação de desemprego (i.e., refere-se às pessoas que têm condições para trabalhar e não estão, à data, em trabalhar), 17% com Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH), 10% vive situação de alcoolismo, 10% de toxicodependência, 7% tem uma deficiência física/sensorial, 3% tem uma doença degenerativa e 3% debilidade mental.

A respeito dos Planos de Intervenção elaborados pela Cáritas Diocesana, 60% tem indicação para acompanhamento de situação de saúde, 57% para acompanhamento psicossocial, 57% para adesão a tratamento, 40% foi indicado para integração no mercado de trabalho, 33% para integração em formação profissional, 23% tem indicação para acompanhamento psicológico, 10% para redução de consumos, 10% para integração em Estrutura Residencial para Pessoas Idosas, 3% para acompanhamento de consumos de álcool e 3% para regularização de processo de legalização.

A participação nos ateliês é mais prevalente nas sessões de música (n= 27), seguida do ateliê de fotografia (n= 11), ateliê instrumento musical (n= 4) e ateliê laboratório de voz (n= 2).

Os artistas e os técnicos

Neste projeto, os artistas desenvolvem os ateliers artísticos de forma voluntária. São dois homens e uma mulher, possuem licenciaturas no domínio artístico (educação musical, escultura, educação visual e tecnológica), dois têm mestrado (Educação Musical, no ramo ensino e Educação Artística), e uma fez doutoramento em Belas-Artes. Têm um longo percurso docência, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, bem como de envolvimento em projetos de natureza artística e comunitária. São artistas reconhecidos na cidade de Setúbal, tendo realizado múltiplas exposições individuais e coletivas / ou concertos e outras atividades de natureza musical, ao longo das suas carreiras profissionais.

O grupo dos técnicos envolvidos no projeto é constituído por recursos humanos do quadro de pessoal da Cáritas Diocesana de Setúbal. É constituído pela diretora da instituição e por uma técnica superior, ambas com licenciatura em psicologia, um técnico superior com licenciatura em antropologia, e uma monitora, com qualificação de nível secundário.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Eixos de mudança e de desenvolvimento

Os elementos recolhidos evidenciam a existência de processos de tomada de consciência e de mudança, em várias dimensões, bem como ao nível do desenvolvimento de competências. A partir da análise das fichas individuais é possível descrever o perfil dos participantes em função de três principais domínios de competências: funcionais; cognitivas, pessoais e sociais; e profissionais e de integração:

- No âmbito das *competências funcionais*, os subdomínios de maior vulnerabilidade prendem-se com as tarefas domésticas (e.g., capacidade para autonomamente ou sem dificuldades confeccionar refeições, limpar a casa, lavar a roupa, a loiça), ir às compras e administrar o dinheiro (e.g., capacidade para realizar compras de forma autónoma, tomando decisões e fazendo a escolha correta dos produtos a adquirir, capacidade de administrar o seu dinheiro autonomamente, com conhecimento do dinheiro, reconhecimento do valor dos produtos e boa gestão) e tomar medicação de forma autónoma, respeitando o horário e as dosagens; e os subdomínios mais fortes centram-se nas capacidades relacionadas com a alimentação, a audição, o vestir, o falar, a locomoção e a higiene pessoal.
- No âmbito das *competências cognitivas, pessoais e sociais*, os subdomínios mais frágeis relacionam-se com a identidade e a autoestima (i.e., capacidade de reconhecer/ identificar potencialidades e dificuldades, e de aceitação de si próprio) e com o humor (e.g., capacidade de identificar diferentes sentimentos, expressar com facilidade o que sente e regular as emoções) e os subdomínios onde os participantes, em média, se apresentam mais fortes prendem-se com questões de orientação espacial e orientação temporal.
- As *competências profissionais e de integração* são aquelas em que o nível médio de competência é francamente reduzido e os subdomínios mais frágeis referem-se aos projetos de vida (e.g., capacidade de envolvimento pessoal e motivação para estabelecer e realizar os seus objetivos de vida, reconhecendo a sua responsabilidade no desenvolvimento desse processo) e à organização e planeamento (i.e., a capacidade de planear, refletir, fazer escolhas e tomar decisões de forma autónoma, cumprindo uma sequência de atividades, gerindo o tempo e priorizando tarefas).

A partir das informações recolhidas nas entrevistas, identificamos processos de conscientização e de mudança relacionados com as *competências funcionais* e com atividades do dia a dia, que decorrem, por exemplo, da satisfação das suas necessidades básicas, da criação de novos hábitos e regras — relacionadas com a higiene pessoal, tomar banho, vestir roupa lavada, sentir prazer com a imagem pessoal, etc. A importância desta dimensão é fulcral no processo de transformação, como referido por uma das técnicas: “o que eu noto muito é que nós recebemos pessoas e ajudamo-las nas necessidades básicas e aí elas começam a sentir-se novamente pessoas...” (T2).

Uma outra situação, referida por um dos artistas, ocorreu quando alguns participantes começaram a dançar uns com os outros, espontaneamente, durante os ateliers de música, tendo passando a cuidar melhor da sua higiene e aparência física. Tal como uma das técnicas relata,

“há sempre um ou outro, por exemplo, aquele que está mais na rua que neste momento não está nem a camarata, nem em apartamento, mas que antes de ir ao atelier é capaz de ir um bocadinho mais cedo naquele dia, precisamente para tomar banho, para depois poder estar no atelier confortável.” (T2).

De facto, os processos de mudança ocorrem a partir da iniciativa e vontade dos sujeitos, de forma contextualizada e integrada. Um outro exemplo diz respeito à aquisição de regras e à organização pessoal, como salienta um dos técnicos:

“Para a pessoa vir cá tomar banho, tem de perceber e tem de se organizar no espaço e no tempo para que venha à segunda, quarta e sexta ou das 9h às 11h ou das 14:30 às 16h e quando a pessoa desenvolve esta capacidade já são

competências que a pessoa adquiriu. E o mesmo acontece para as refeições, a pessoa tem que tem que se organizar no espaço, tem de ir para uma fila... muitas vezes estar na fila não é agradável porque há alguém ou alcoolizado, ou que vem zangado com qualquer coisa e são as próprias pessoas que muitas vezes entre elas, desenvolvem as competências e capacidade para gerir estes conflitos.” (T1).

A autonomia e a responsabilidade são trabalhadas de forma integrada, numa perspetiva ecológica:

“Está tudo interligado, a vida do centro é toda ela uma vida terapêutica e promotora de mudança. O que é que eu quero dizer com isto? A nossa visão e o modo organização (...) que nós desenvolvemos aqui no CSSFX é assim, porque do mesmo modo que alguém que desenvolve a capacidade de espera numa sessão de fotografia em que só temos 6 máquinas, e estão 10 pessoas, então alguém tem de ficar à espera para que a máquina esteja livre. Isto também acontece quando a pessoa vem cá tomar banho e tem de esperar pela sua vez para tomar banho” (T1)

- Ao nível das *competências cognitivas, pessoais e sociais*, identificaram-se algumas mudanças, particularmente daquelas que foram consideradas mais frágeis:

“temos alguns utentes que têm aqui algumas limitações em termos cognitivos, que ao estarem nos ateliers começa-se a perceber aqui um aumento significativo, nem que seja pela estimulação, pela aprendizagem, pelas artes... nota-se aqui um progresso, uma evolução em esse nível.” (T2).

Apesar de alguns participantes apresentarem uma marcada deterioração cognitiva, decorrente de um quadro de demência:

“ (...) estar nos ateliers estava a ter um impacto muito positivo, estava a recuperar algumas faculdades e nomeadamente na música, porque ele é pianista. (...) o facto de cantar as letras, tudo isso teve impacto muito positivo também na parte cognitiva. O bem-estar, sem dúvida que está associado, isso também é recorrente.” (T2)

Ainda no domínio das competências consideradas mais frágeis, um dos artistas refere que: “a nível pessoal tem a ver com questões de autoestima, autoconfiança, autoimagem, felicidade, alegria, o bem-estar.”(A1), aspeto também reforçado por uma das técnicas: “a participação nos ateliers mostrou (...) essa valorização da autoestima. E também por parte dos utentes, alguma aceitação que de outra forma estava muito afastada, não havia muita aceitação”. (T2). Um outro técnico identifica da seguinte forma os contributos positivos dos ateliers:

“(...) estimula a memória, porque as estruturas musicais têm uma lógica que até é muito matemática e pode ser trabalhada e essas conexões que fortalecem a memória também podem ser, e vão ser transportadas para o quotidiano da vida das pessoas na forma como se organizam, ou seja, aquilo ajuda também a organizar o pensamento. Nesse sentido, as práticas artísticas são muito importantes na vida de qualquer pessoa.” (T1).

Para além destes aspetos, destacam-se ainda outras aprendizagens que decorrem da vida do grupo:

“nós temos um desenvolvimento de competências pessoais e aquilo que tecnicamente também chamamos as *soft skills*, que, num contexto de sessão global, a pessoa desenvolve também a capacidade de aprender a estar em grupo, desenvolve competências relacionadas com a empatia, desenvolve a capacidade de escuta, a paciência, desenvolve uma série de competências a nível pessoal” (T1).

“(...) existe essa possibilidade de ir trabalhando aqui algumas questões de assertividade, da comunicação, da resolução de conflitos e, portanto, pronto aqui obviamente que os ateliers também acabam por ter essa componente prática muito, muito positiva” (T2).

É ainda interessante perceber que as relações no seio do grupo evoluíram e que chegaram a ser muito gratificantes, como nos relata um dos técnicos: